

3- A MINHA FÉ

(Teilhard de Chardin)

Tenho perfeita consciência do que há de vertiginoso nesta ideia de um ser capaz de reunir na sua actividade e na sua experiência individual todas as fibras do Cosmos em movimento. No entanto, ao imaginar uma tal maravilha nada mais faço, repito, do que transcrever em termos de realidade física as expressões jurídicas em que a Igreja depôs a sua fé. De modo equivalente, sem de tal se aperceber, o mais obscuro dos católicos impõe, pelo seu Credo, uma estrutura particular ao Universo. Prodigiosa e, não obstante, coerente. Não será uma simples ilusão quantitativa, observava eu mais atrás, que nos faz considerar incompatíveis o Pessoal e o Universal?

Quanto a mim, enveredei sem hesitar pela única direcção onde me parecia possível fazer progredir e, logo, salvar a minha fé. O Jesus ressuscitado que os outros me ensinavam a conhecer, tentei situá-lo à cabeça do Universo que eu adorava de nascença. E o resultado desta tentativa é que, desde há vinte e cinco anos, me maravilho sem descanso perante as infinitas possibilidades que a «universalização» de Cristo abre ao pensamento religioso.

O catolicismo decepcionara-me, aparentemente, pelas suas representações estreitas do Mundo e pela sua incompreensão do papel da Matéria. Reconheço agora que, na linha do Deus incarnado que ela me revela, só posso ser salvo formando corpo com o Universo. E são, do mesmo passo, as minhas aspirações «panteístas» mais profundas que se acham satisfeitas, guiadas, apaziguadas. O Mundo, à minha roda, torna-se divino. Todavia, nem as chamas me destroem — nem as águas me dissolvem. Na verdade, ao invés dos falsos monismos que impelem por mor da passividade para a inconsciência, o «pancristismo» que eu descubro coloca a união no termo de uma diferenciação laboriosa. Só me tornarei o Outro sendo absolutamente eu próprio. Só alcançarei o Espírito soltando até ao fim as potências da Matéria. O Cristo total somente se consuma e é atingível no terreno da Evolução universal. N'Ele encontrei aquilo com que o meu ser sonhava: um Universo personalizado, cuja dominação me personaliza. E detenho esta «Alma do Mundo» já não apenas como uma criação frágil do meu pensamento individual, mas como o produto de uma longa revelação histórica onde os menos crentes são por certo obrigados a reconhecer uma das principais directrizes do progresso humano.

Com efeito (e talvez seja isto o mais maravilhoso de tudo), o Cristo-Universal onde se satisfaz a minha fé pessoal não é outra coisa senão a expressão autêntica do Cristo no Evangelho. Cristo renovado, sem dúvida, em contacto com o Mundo moderno, mas Cristo *engrandecido a fim* de permanecer igual a si mesmo. Censuraram-me por ser um inovador. Na realidade,

quanto mais meditei nos magníficos atributos cósmicos prodigados por São Paulo ao Jesus ressuscitado, quanto mais reflecti no sentido conquistador das verdades cristãs, mais me apercebi de que o Cristianismo só adquiria o seu pleno valor se levado (como gosto de fazer) a dimensões universais. Inesgotavelmente fecundadas uma pela outra, a minha fé individual no Mundo e a minha Fé cristã em Jesus não cessaram de se desenvolver e de se aprofundar. *Por este sinal*, de um acordo contínuo entre o que há de mais nascente em mim e de mais vivo na religião cristã, reconheci, definitivamente que encontrara nesta o complemento procurado de mim mesmo e dei-me (quanto mais penso nisto, menos vejo outro critério para a verdade do que estabelecer um máximo crescente de coerência universal; um tal êxito tem algo de *objetivo*, ultrapassando os efeitos de *temperamento*).

Mas se eu me dei, porque não se darão também, por seu turno, os outros, todos os outros? Afirmei ao começar: estas linhas são uma confissão pessoal. Contudo, no fundo do meu espírito, ao escrevê-las, senti passar algo de maior que eu mesmo. A paixão pelo Mundo donde brota a minha fé — outrossim a insatisfação que experimento, antes de tudo, diante de qualquer das formas antigas de religião —, não serão ambas o rasto, no meu coração, da inquietude e da expectativa que marcam o estado religioso do Mundo de hoje?

No grande rio humano, as três correntes (oriental, humana, cristã) ainda se opõem. No entanto, por sinais seguros, podemos reconhecer que elas se aproximam. O Oriente parece ter já quase esquecido a passividade original do seu panteísmo. O culto do Progresso abre cada vez mais amplamente as suas cosmogonias às forças de espírito e de liberdade. O Cristianismo começa a inclinar-se perante o esforço humano. Nos três ramos trabalha obscuramente o mesmo espírito que me fez a mim mesmo.

Mas, então, a solução que a Humanidade moderna persegue não será essencialmente aquela mesma que eu encontrei? Julgo que sim e, com esta visão, concluem-se as minhas esperanças. Uma convergência geral das Religiões num Cristo-Universal que, no fundo, as satisfaz a todas: tal se me afigura ser a única conversão possível do Mundo, e a única forma imaginável para uma Religião do futuro.

(extraído de “A minha fé”, Teilhard de Chardin, Ed. Notícias, Lisboa, 1999, pág. 145-147)